

Akasuma Leon Vicci

Physis Kriphestai Philein

Opala Negra, do Inferno à Luz: A Pangeia da Raça Humana

“[...] E quando as esperanças foram mortas pela ampulheta do destino, por entre as terras batidas, pegadas revelam um longo trajeto em meio aos diversos tempos. Uma história há muito escondida em meio ao inferno chamado realidade, quando as areias do tempo enfim revelam o mapa para a verdadeira localização do que um dia foi chamado de o grande reino de Pangeia. Não me refiro ao supremo continente, mas, a formação do que chamamos de raça humana [...] Quem diria, que de uma pedra negra, a qual carrega em seu interior o universo, surge à luz para desenrolar do novo enredo. Agora a real trama será contada [...] Ascenda novamente, Pangeia [...]”

Úmbrio, Galácia, ano de 1888. Marcados pela incansável escravidão dos povos africanos, os séculos XVI – XIX foram palcos das lutas pela emancipação e liberdade que outrora fora retirada sem nenhuma hesitação. Eis que da escuridão nasce Mallumo, cavaleiro negro caracterizado pelo seu enorme poder e pelo exército que o segue, os cazumbis. E da luz, surge a imperatriz das almas, Flama, com um único propósito em guiar Mallumo para a localização da chave capaz de trazer de volta Pangeia ao seu reinado, e assim, libertar todos os seus irmãos aprisionados.

Mallumo acorda espantado na madrugada do décimo quarto dia do ano corrente às 03h20min da manhã, em meio à gritaria e sons de luta ao lado de fora de sua tenda. Ao levantar-se e dirigindo-se ao exterior, percebe a invasão dos seus inimigos, os escapulas. Quando se pôs de pé na entrada de sua morada foste atingido por um escapulo que portava a Kazaerus - a prisão das almas, uma espada capaz de roubar e ofertar ao esquecimento a alma do inimigo. Com isso, o guerreiro a muito temido, perde suas forças e o direito de comandar os cazumbis. Jogado ao esquecimento, desmaia com o ataque proferido, ficando inconsciente por dez longas horas. Quando desperta do ataque rápido e inesperado, sofre o choque. A visão de ver toda a sua aldeia devastada e seus familiares mortos. Não mais detentor de poder algum. O único ser presente ao seu lado, liberando os últimos sopros de vida é a profetisa da vila, Sibila.

Mallumo corre para prestar os devidos socorros a sua amiga de infância, ao aproximar-se, Sibila rui nos braços de seu amigo. Indignado com o ocorrido e triste pela cena que vos apresenta, cai em prantos. A profetisa em seus últimos atos profere então a seguinte sentença: “Do receptáculo sombrio e sobre a lua de sangue, as filhas do destino e guardiãs do poderoso reino se apresentarão. Sob o comando da luz, as opalas negras surgirão. E só a vós, príncipe dos mortos, Pangeia à de ser revelar”. Em sinal de aprovação ao que lhe fora dito, promete em honra ao sangue derramado, vingar-se.

No vale da neblina, domínio dos deuses da destruição, surge em meio à escuridão uma molécula de luz. Fundindo-se aos desejos mais obscuros, moldando assim as trevas em dia, origina-se Flama, mulher apenas em aparência, ser onipotente e espectral, distante das falhas humanas. A personificação da luz e da beleza. Jamais poderá ser possuída por algum mortal. Destinada a ser mentora e guardiã dos segredos de Pangeia. Prometida a guiar o príncipe dos mortos à sua glória eterna.

Ao deixar Úmbrio, Mallumo depara-se com Ibeji, o deus com poder sobre o nascimento. O príncipe dos mortos sabia que para a profecia cumprir-se deveria ter em mãos todos os dons ao seu alcance. A única coisa que lhes restara fora o conhecimento de batalha. Mallumo então firma um acordo com Ibeji: - Se me ofertares vosso dom, quando minha busca pelo grande reino for cumprida, eu libertarei vosso espirito a muito preso nessa forma humana. O deus fica instigado em acreditar naquele que o transformou em mortal. Porém, Ibeji responde: - Dar-te-ei meu dom, sob uma condição. Se por ventura vieres a me trair mais uma vez. Farei de vós poeira em meio ao imenso deserto. O deus do nascimento, junto com os outros onze grandes faz parte dos guardiões primordiais de Galácia. Cada um condenado à mortalidade, quando num passado distante entregaram-se aos desejos humanos. Todos aprisionados pelo próprio Mallumo. Seu título de senhor dos mortos surgiu quando julgou sua própria mãe – Iansã. No dia de seu casamento, quando iria desposar Sibila ao seu filho, a sacerdotisa Iansã é corrompida pela arrogância. Então como num momento de cegueira, roga sobre a então quase nora, o castigo que a transformou em profetisa. Arrancou de vossos braços o seu verdadeiro amor. Quando uma mulher torna-se profetisa, são tomados todos os seus sentimentos. Apenas servindo de instrumento para os deuses incorpóreos.

Ao descobrir a profecia de Sibila ao seu primo, Ogum e Oxumaré, surgem por entre os cadáveres jogados no chão: - Sabemos da visão de vosso futuro, tal responsabilidade jogada nos ombros daquele que não soube portar-se em meio a uma família. Ingratidão que resultou no castigo de todos os seus. Como saber se podemos confiar a ti a única chance que temos de retornar aos dias de glória? Em sinal de exaltação sobre tamanhas ameaças, Mallumo replica: - Sabeis que se ainda vive foste por pena de minha parte. No fundo ainda sentia remorso devido à forma como foram tomados pelos pecados de suas criações. Mas, não cometerei o mesmo erro duas vezes. O acusado inquisidor parte para cima dos primos, quando de repente Xangô intervém. - Venho lembrar-te que julgar cabe a mim. Se queres ser transformado na personificação dos erros de vossos irmãos basta apenas dizer. Em contrapartida, matar seu próprio sangue irá leva-lo a qual lugar? Se quiseres ajuda, procures Exu. Ele irá informar melhor que ninguém como irá encontrar a Luz da profecia. Mas, antes, levais nossos dons consigo, irão ser uteis em vossa jornada.

Caminhando em direção à morada de Exu, um pântano quase inabitado. Mallumo escuta alguém se aproximando a passos largos. Ao virar-se, tem a visão de uma feição assustadora rastejando em sua direção: O que quereis em meus domínios; resto de placenta de minha irmã? Replica: Fostes essa arrogância e superioridade que o aprisionara em desprezível forma, meu tio. Ainda indignado porque vosso pai o transformou em serpente? Lembre-se o mais astuto também sofre a cólera de Oxalá.

Recebi a notícia que precisas de minha ajuda, isso prossegue? Aquele que jurou jamais pedir um favor meu, hoje vem quase que se debruçando sobre mim para tirar valiosas informações sobre a imperatriz das almas. Mallumo: Imperatriz? Quer dizer que a luz a qual a profecia refere-se é a onipotente e intocável imperatriz das almas? Exu: Achou que em meio à tamanha escuridão e ganância dos povos a luz tão prometida seria fácil de ser alcançada? Posso ajudar-te, mas sob uma condição. Se falhar em sua jornada, terá de libertar a mim e meus irmãos, da mesma forma que sua alma irá me pertencer. O príncipe: Astuto de sua parte, mas como não disponho de outras maneiras, aceito sua oferta. Exu: Rapaz esperto e perspicaz. Irei mandá-lo direto à entrada do vale da neblina. Mas, a única coisa que direi depois disso é o seguinte, “Em meio ao breu do domínio da destruição, luz e trevas irão batalhar, e somente nessa hora. O perdedor se ajoelhará”. Mallumo: - O que isso quer dizer?... Antes que percebesse, já se fazia de prontidão no portão do vale.

Mal chegara e, do meio da escuridão surge como um estouro de trovão, o seguinte questionamento: QUEM OUSA PISAR EM MEUS DOMÍNIOS? Em estado de choque com o tamanho timbre de voz, Mallumo não profere sequer uma única palavra. Era a primeira vez, desde o momento em que acordara, que se via na posição de responder a um questionamento. Então em meio à densa neblina, em sua direção, cavalgam os deuses da destruição: - Ninguém jamais saiu vivo, uma vez que entrou em nosso território. O príncipe logo pensou em algo forte para montar e enfrentar seus desafiadores. Em um simples sopro, surge do chão um rinoceronte negro e da partícula de areia do solo em que pisa Mallumo forja uma armadura para o animal. Apresentam-se os dons de Ibeji e Ogum. Em sua mão esquerda surge a balança da justiça, seria ela a arma utilizada por Mallumo para enfrentar os deuses. Um a um foram julgados, cada gota de sangue e suor derramados dos corpos que serviam de cascas aos deuses faziam a balança mover-se e então proferir a sentença. Quando nenhum mais se fazia em pé, como em uma ventania incessante e um clarão como estouro de trovões, a Imperatriz aparece na frente de Mallumo: - Muita pertinência de sua parte entrar sem permissão nos domínios alheios! Sentirás a verdadeira cólera de um deus. Elevem-se agouros da meia noite. Arranquem do intruso até a última gota de seu sangue e o último pedaço de carne em seu corpo...

Ao dar as costas a Mallumo, Flama sofre o espanto. Parado a sua frente estava o príncipe dos mortos. O que os agouros estavam destroçando era os próprios deuses da destruição. Mallumo usara o dom de Exu em manipular as imagens e transformou-os nele para enganar Flama. E como uma astuta serpente, o príncipe dos mortos pula sobre Flama, decepando então, as asas cintilantes da Imperatriz. Da onipotência à mortalidade. O brilho não mais existe nos olhos da deusa. Agora encontra-se de joelhos aos pés de Mallumo, cumprindo assim a profecia de Exu: “ Em meio ao breu do domínio da destruição, luz e trevas irão batalhar, e somente nessa hora. O perdedor se ajoelhará”.

Mallumo agora tem total domínio sobre Flama. A imperatriz não passa de uma marionete nas mãos do príncipe da morte. Desta forma não há como esconder, ela será obrigada a revelar a localização das chaves para Pangeia. E com ar de autoridade Mallumo se dirige a Flama: - Agora sou possuidor do mapa para o grande reino. Basta de suas mentiras e promessas falsas. Revele a localização das opalas vossa alteza

– o ventriloquo profere em tom de ironia tais ordens. Flama em sinal de ira replica as ordens de Mallumo: Pertinente de sua parte! Achas que pode vir em meus domínios e só pelo fato de ter ganhado a luta, começará a dar-me ordens como se fossem as coisas mais naturais do mundo? Olhe para o motivo que o trouxe até aqui, seu mestiço maldito.

Como sabes os motivos que vieram a dirigir-me até essa vale infernal? Flama: Quem você acha que ensinou aos escapulás o caminho até Úmbrio?! A imperatriz rir em tom sarcástico. Mallumo agora tem a ira a consumi-lo: Como ousas sua meretriz maldita?! Morrerás agora pelas minhas mãos... Quando o príncipe salta em direção à deusa caída, em seus últimos atos de onipotência, Flama, ergue-se e, olhando profundamente com ódio para Mallumo, profere: Se anseias por vingança. Achas mesmo que irá sair dos domínios da neblina sem minha ajuda? Quem agora é a marionete? Mallumo sentiu ~~tais~~ palavras violarem seus tímpanos. Abaixou a guarda, e como última resposta. Entrega-se agora as mãos da imperatriz das almas.

Revelar-te-ei a localização das opalas, pois reconheço minha derrota. Porém, só acontecerá tal feito, quando conseguir sair desse vale coberto com essa densa neblina. Do contrário, meus poderes sobre as chaves de Pangeia não funcionarão. Mallumo, agora se sentiu enganado pela profecia e pelo seu tio – Exu. Como a Imperatriz das almas não possui o controle das opalas em seus próprios domínios? Flama, rebate: Creio que vosso tio não lhe contou. Até a deusa das almas, responde a um superior. E como forma de manter-me sobre seus domínios, e assim ocultar Pangeia; Tokoloshe, o senhor dos succubus – retirou meus poderes máximos. Através da ocultação total da Lua.

Então, quer dizer que nesse maldito vale a luz da Lua já brilhara em tamanha glória? – Mallumo. E vossa alteza, crê que uma deusa, com tamanha onipotência e consagrada entre as vastas partes conhecidas pelo homem, nascera de um cruzamento qualquer? Apenas a mais pura e natural luz, pode gerar um ser que carrega tamanha importância como Eu. Responde Flama. Vossa mãe antes de morta pediu a Lua, como sinal de redenção, que originasse uma figura capaz de guia-lo ao resplendor e glória. Porém, quando tal feito ocorreu, Tokoloshe, em um episódio de ódio eterno por Iansã; recobriu a genitora da deusa, para que jamais pudesse ser cumprido tamanho pedido. Mas, como em um último ato, Luna, deixou cair uma partícula de seu corpo no meio da escuridão, antes que a neblina tomasse conta desse vale que um dia já fora um próspero reino, com muitas pessoas e moradas.

Mallumo questiona a explicação de Flama: Então, o que estou pisando são os restos do que já fora um onipotente império? Não qualquer império, a deusa rebate. Estás pisando nas ruínas de Pangeia. Em estado de choque e sem aguentar o peso do próprio corpo, o príncipe dos mortos, ajoelha-se aos pés de Flama. Passados alguns minutos de silencio... Como uma terra tão temida chegou a tal clímax? A imperatriz, em tom de tristeza e dureza dirigesse a Mallumo: terras governadas por homens tendem a ser corrompidas pelos piores males existentes nessa sombria realidade em que vivemos. Foi daí que Tokoloshe surgiu - a

junção de todos os sentimentos ruins que sondavam Pangeia. Foram aplicados como castigo ao seu antigo rei – Hamura. Ganancioso pelos domínios de novos mortais e pela retirada de suas liberdades. Foi aprisionado na forma de um demônio sombrio e seus seguidores transformados em almas negras... O príncipe dos mortos interrompe a deusa!

Quem o aprisionara em tal jaula? Flama responde: Pangeia difere-se dos demais reinos devido ao fato de que a própria terra é quem julga seus moradores. Assim, deus algum pode possuir a liberdade de seus habitantes. É um lugar que todos sonham em viver. Ser livres sem jamais temer o amanhã. Tokoloshe, não se contentando com aqueles, os quais já tinha posse, firmou um pacto com os escapulas e ofertou sua aldeia – Úmbrio - em troca de Pangeia. E como um simples brinquedo em suas mãos, tive de revelar a saída desse vale aos malditos seguidores do demônio do grande reino.

Agora apenas pra ti irei revelar os domínios de Tokoloshe. Se vivo voltarei, as opalas e Pangeia a ti pertencerão: “No meio do abismo negro o demônio ascenderá, apenas o coração valente e com os mais puros desejos e metas vencerá. Como um raio partindo um tronco de árvore projete-se no rosto da intercessão dos males, e como o golpe que decidirá sua vida. Lance tudo aquilo que guarda em seu íntimo contra o mal encarnado”. Mallumo já não aguentava mais profecias em sua jornada: Se vocês querem mesmo me ajudar, sejam mais diretos, rodeios não ajudam em nada. Apenas prolongam o tempo que curto já me é prometido.

Flama irritada com tamanho ceticismo do príncipe, profere como uma ordem sem prorrogação: SE QUERES AS COISAS DE MÃO BEIJADA, MATE-SE DE UMA VEZ! Em nenhum momento da história os vencedores obtiveram algo sem que uma gota de suor e sangue fossem derramadas. Agora parta em direção a Tokoloshe, mate-o, e assim, as opalas a tião de pertencer.

Deixando a imperatriz para trás, o príncipe parte em direção aos domínios de Tokoloshe – o demônio do grande reino – agora que está a par da real trama, matará o causador da desgraça de sua aldeia com o maior prazer do mundo. Sentira o sangue do assassino, escorrer por entre seus dedos como um orgasmo após um sexo demorado e prazeroso. Mallumo irá aproveitar cada segundo desse encontro sem perder nenhum momento.

Depois de caminhar três incansáveis dias, o príncipe começa a sentir a agonia e as preocupações tomarem conta do seu corpo. Senta-se em uma pedra para poder respirar com calma e relaxar um pouco. Porém, ao fechar os olhos, Mallumo tem um vislumbre de todos os acontecimentos desde o momento que acordou. Há exatos cinco dias. A invasão dos escapulas, a morte do seu povo, os últimos momentos de sua amiga e a muito amada – Sibila - a batalha contra os deuses da destruição e Flama, e agora, a luta que está quase para acontecer. Tomado pelo medo e devaneios da mente, se sente um lixo. E como um castigo divino os ocorridos e tamanhas informações absorvidas até então. Culpando-se apenas por ter sobrevivido a tudo. Como consolo para o momento em que se apresenta. Mallumo recebe por meio de uma visão espectral a presença de sua mãe – Iansã – como um filho que precisa de colo, o príncipe se atira aos braços maternos.

Porém, não consegue fincar-se a eles. Iansã, vem para apascentar seu filho e pedir redenção pelos atos a muito cometidos. Mallumo não sabendo o que fazer, apenas entrega-se aos prantos na presença de sua mãe. A mãe dos guardiões primordiais ergue a cabeça do seu filho guerreiro, alertando-o, que apresse os passos. Pois quanto maior for sua presença na neblina, que está ficando cada vez mais densa, irá fazê-lo desejar a morte. Tudo não passa de um dos truques de Tokoloshe para retirar a força e a sanidade daqueles que o desafiam a uma luta corpo a corpo.

Depois da visita inesperada de vossa mãe, Mallumo, levanta-se mais revigorado do que nunca. Agora que conhece os truques de seu inimigo, não mais cairá em tamanhos jogos. Continua sua caminhada, sempre em direção sul. Pois, Flama o orientara assim. Ao menor sinal de percepção, o príncipe despêna em um precipício sem fundo....

Por sorte, havia ali alguns galhos, do que um dia, foram majestosos eucaliptos. Como um gato esperto Mallumo usa os galhos como apoio pra retornar a beirada do penhasco. Uma respiração mais gélida que a morte é sentida pelo príncipe em seu pescoço. Ao virar-se, depara-se com um sucubi a sua frente. Sem saber o que fazer – Mallumo – forja uma espada com uma rocha retirada do penhasco. Como uma ferroada, proferi um golpe contra o anfitrião indesejado. Mas, armas quaisquer não podem matar os sucubis. Apenas lâminas banhadas com sangue de um coração valente e destemido. Mallumo lembrou da orientação de Flama.

Droga! Como saberei se tenho tais características? Estou numa balança que tende a inclinar-se apenas contra minha pessoa. A cada segundo perdido por Mallumo, mais sucubis surgem em meio à escuridão gélida. E num ato de desespero, o príncipe dos mortos, enfia a espada em seu próprio peito. E ao retirá-la, o sangue escorre pela lâmina. “O momento para saber tal resposta é agora!”, novamente, profere outro golpe contra os espectros. E como um grito mais fino que o barulho da lâmina perpassando as almas, os sucubis desaparecem sem deixar nenhum rastro.

De longe uma voz surge como vento rasteiro trazendo a seguinte afirmação: O desejo de trazer os seus de volta, torna até o mais negro coração, em um imenso lago de compaixão e arrependimento! Flama? Perguntou Mallumo. Porém, a imperatriz já não tem como manter comunicação com o príncipe devido ao estado que a neblina apresenta. Ao inclinar-se na beirada do precipício para averiguar que nenhum sucubi irá subir, Mallumo é surpreendido pelo fogo que sobe do denso breu abaixo de seu nariz. Como um vulcão em erupção, a lava é lançada para o alto, formando uma gigantesca cortina de fogo. E, quando a mesma é escorre novamente para a vasta escuridão, surge Tokoloshe. Entrada um pouco exagerada pra um deus, não acha? Retruca Mallumo.

Tokoloshe alerta o príncipe a tamanha burrada que acabara de fazer. Quando matou os sucubis, liberou o lacre da prisão que me matinha contido no fundo do penhasco. Agora, matarei você com minhas próprias mãos, filho de Iansã. O demônio profere o primeiro golpe. E com cem porcento de precisão, o

príncipe é acertado em cheio. Mallumo tem parte de seu corpo queimado. Queimaduras de segundo e terceiro graus. Não aguentando tamanha dor, ajoelha-se diante seu inimigo. Como ousa baixar-te a guarda? – Tokoloshe. Tome o segundo! Novamente o príncipe sofre com o golpe proferido pelo demônio. Mallumo agora se encontra prostrado perante a onipotência de Takaloshe. Gemendo de fortes dores e com sua vida sendo contada como grãos de feijão. O príncipe sente seu coração pesar, o oxigênio começa a falhar em seus pulmões e como num último ato Mallumo fecha seus olhos....

Ao fechar os olhos, Mallumo tem um vislumbre de Sibila. Era como uma manhã ensolarada. Sibila era reluzente como o dia, trajada com um grande vestido branco e reluzente, sentada numa pedra, tão branca quanto às nuvens. Longos cabelos e pele negra como o mais puro jambo. Sibila estava admirando o pôr-do-sol. O príncipe caminha em direção a sua amada. A antiga profetisa volta o olhar para o seu amado. Porém, Mallumo não consegue visualizar o rosto de Sibila. Quando o príncipe aproxima-se um pouco mais de seu amor, Sibila diz num tom suave como o anoitecer e doce como o canto dos pássaros a seguinte mensagem: E quando as esperanças foram mortas pela ampulheta do destino, por entre as terras batidas, pegadas revelam um longo trajeto em meio aos diversos tempos. Uma história a muito escondida em meio ao inferno chamado realidade, quando as areias do tempo enfim revelam o mapa para a verdadeira localização do que um dia foi chamado de o grande reino de Pangeia.

Depois de proferidas as palavras, Sibila volta o olhar para além do horizonte. Quando Mallumo acompanha sua amada, sofre um choque com o que seus olhos captam. A lua nascendo e elevando-se até o ponto mais alto do céu. Quando, pois é chegada a sua marcação, a lua projeta um brilho tão intenso que faz o príncipe dos mortos despertar.

Ao abrir os olhos o príncipe percebe que está prestes a receber outro golpe de Tokoloshe. Percebe o quão idiota e precipitado agiu quando viu o demônio pela primeira vez. Mallumo tenta levantar-se do chão, mas, suas dores o consomem. O príncipe roga pela ajuda de alguém. Ele não queria morrer antes de terminar sua jornada, contudo, qualquer forma de conseguir meta seria prioridade máxima. Deixou de focar nas dores espalhadas pelo seu corpo e como uma montanha, colocou-se de pé frente a Tokoloshe. Ele começa a procurar sua espada, quando se dar conta de que ela foi danificada. Agora, mais do que nunca, precisa de uma arma para enfrentar o demônio do antigo reino. Então de um grão de areia, forja um arco e flecha. Mesmo ainda não conseguindo ficar de pé. Mallumo vai disparando as flechas contra Tokoloshe, nenhuma surte efeito.

Mallumo enfaia uma flecha em seu coração e ao melá-la de sangue, volta a proferir o golpe contra o demônio. Ao perceber que não conseguiria derrotar Tokoloshe da mesma forma que os sucubis, o príncipe é questionado pelo grande demônio: Se pensas que banhar essa arma em sangue para me derrotar assim como fez aos seladores de minha tumba perderá vosso valioso tempo. Novamente Mallumo sofre um ataque do seu inimigo. A cada minuto que passa, perde as forças de seu corpo.

O grande demônio zomba da cara do príncipe: Não poderia esperar mais do filho desgarrado de minha inimiga. Assim como vossa mãe, sofrerá em minhas mãos, mestiço imundo. Ao ouvir tais palavras Mallumo enche-se de ira, e então se lembra do que Flama lhe disse antes de sair à procura de Tokoloshe: “[...] Como um raio partindo um tronco de árvore projete-se no rosto da intercessão dos males, e como o golpe que decidirá sua vida. Lance tudo aquilo que guarda em seu íntimo contra o mal encarnado”, o príncipe dos mortos procura uma forma de atirar-se no rosto do gigante a sua frente, Tokoloshe profere outro golpe em Mallumo.

Quando o príncipe retorna ao chão, seus olhos avistam uma grande e seca árvore à sua esquerda, Mallumo volta novamente a pôr-se de pé, e mesmo sentido horríveis dor corre em direção a grande árvore. Tokoloshe acompanha-o com o olhar para ver qual o próximo ato de desespero do seu inimigo. Quando o príncipe mestiço escala a árvore seca, o demônio rir de sua cara: Típico! Assim como um passarinho medroso, retorna ao ninho para pedir ajuda a sua mãe. Quando menos se espera, e como um raio, Mallumo projeta-se na face de seu rival. E com as duas mãos cravadas no olho direito de Tokoloshe, o príncipe dos mortos revela sua sentença: Assim como fiz com minha mãe e meus familiares, aprisionar-te-ei em forma humana, arrancarei de seu corpo e tomarei para mim vossos poderes. Sinta a maior cólera que um deus pode sofrer – a mortalidade!

Ao sugar toda a essência de Tokoloshe, Mallumo retorna ao penhasco. O grande demônio toma forma humana, retornando ao seu antigo tamanho e caindo de joelho sobre os pés do príncipe dos mortos. Quando a fumaça apascenta, Mallumo ver aos seus pés o antigo rei de Pangeia – Hamura. Ao levantar o rosto para aquele que o acabara de derrotar, Hamura diz: Obrigado príncipe mestiço, fostes pela mão do filho de minha eterna inimiga que pude me livrar de tamanha maldição. Vejo que será um grande rei. Sou eternamente grato a ti. Agora poderás partir em paz. E como recompensa, retiro dessa terra a escuridão eterna. Depois disso Hamura desaparece como um espírito sendo disperso por entre o ar. A densa neblina começa a se dissipar...

A cada segundo que passa, Mallumo começa a conseguir enxergar além do horizonte nessa terra destruída. E acima de sua cabeça focos de luz começam a surgir. Aos poucos Luna volta a adquirir forma no centro do céu. Depois de derrotar o mestre de Flama e assim conseguir acabar com a neblina. A luz da lua retorna a brilhar nas ruínas do antigo reino de Pangeia.

Agora com as terras envoltas com a luz de Luna, Flama tem seus poderes ressarcidos. Agora poderá guiar o príncipe dos mortos para as chaves para trazer Pangeia de volta a sua glória.

Mallumo ainda está de pé frente ao penhasco, agora sentado na beirada. Exausto e ferido. Com um buraco no peito e suando frio. Ao olhar para o fundo do imenso abismo, rever todo o seu trajeto até agora e ainda não consegue acreditar nas coisas que fez. Do fundo do abismo, surge um foco de luz subindo em sua direção. Colocando-se de prontidão caso fosse um novo inimigo, Mallumo levanta-se. Do meio da escuridão

surge Flama. Esplendorosa e em sua força máxima. Mesmo ainda sendo escrava do príncipe dos mortos agora, a imperatriz agradece pelo feito do guerreiro: Obrigado por devolver-me a vida! Como agradecimento, revelar-te-ei as opalas...

Flama orienta o guerreiro a estender suas mãos. A imperatriz repousa suas mãos reluzentes sobre a dele e assim, entrega as opalas ao príncipe dos mortos: Agora as chaves de Pangeia são suas. Cabe a você decidir o futuro do grande reino. Mallumo questiona Flama: Por que nesse tempo todo Pangeia não pode ser restaurada por outras pessoas? Flama responde: Somente aquele capaz de não sucumbir aos desejos da carne, pode trazer Pangeia de volta! O príncipe rebate: Como assim eu não trago em mim os desejos da carne, se sou fruto daqueles que foram corrompidos por tal mal? A imperatriz replica: A sua origem não caracteriza o seu futuro, vieste do meio dos desejos corruptos. Porém, deixastes tudo de lado para colocar em primeiro lugar a meta de trazer os seus de volta. Quem coloca os outros a frente de seu desejo, não se deixa corromper com facilidade. E como já havia lhe dito, Pangeia julga os seus. Ela o fez rei antes mesmo que você vir ao mundo.

Como faço para trazer Pangeia de volta? – questiona Mallumo. Deves quebrar as opalas e assim as almas aprisionadas aí dentro trarão o reino de volta – responde Flama. Quer dizer que as opalas são prisões criadas por Pangeia para seus moradores? Flama esclarece a dúvida de Mallumo: Não são meras prisões para punir pessoas. As opalas são chaves de portais para poder comunicar-se ou trazer seres míticos para que possas pedir ajuda a eles. E quem seriam esses seres? – pergunta Mallumo. São os fundadores e genitores de Pangeia, os quatro grandes seres de luz. Também são responsáveis por criar tudo aquilo que existe a sua volta. – responde Flama. Quer dizer que os grandes senhores do tempo (Suna), da realidade (Gen), da vida (Seikatsu) e da morte (Batsu) estão presos dentro das opalas? – o príncipe pergunta. Não exatamente presos, mas, eles criaram as opalas e guardaram-se dentro delas para caso Pangeia ou toda a sua criação fosse corrompida eles poderem ser chamados a seu auxílio. E somente aqueles realmente merecedor de seus segredos pode fazer isso. Foste escolhido, Mallumo, príncipe dos mortos e encarnação de Batsu.

Como faço para trazer os deuses imperiais? – Mallumo. Terás de engolir as opalas e caso elas encontrem a parte de Batsu em você, elas irão abrir os portais e trazer os senhores para essa realidade. – Flama. Mallumo o fez, e rapidamente as opalas foram parar em seu estomago. Passou alguns minutos, sua pele negra começou a brilhar como um céu durante a noite, e logo as opalas foram ativadas. Os deuses surgiram um a um em sua frente: Suna, Gen, Seikatsu e por fim Batsu, sua encarnação. Logo Mallumo foi reverenciado por tudo que fez por Pangeia com o intuito de salvar os seus entes de Úmbrio. Os deuses um a um se pronunciaram e honra ao príncipe dos mortos.

Agradecemos príncipe dos mortos, foi o seu desejo de lutar pelos seus, que fez com que se importasse com os nossos. Sua coragem e determinação serão lembradas por muito tempo, e reverenciadas como o grande rei que serás. – disse Suna. Conseguiu mostrar que todos somos donos do nosso destino e

assim consequentemente podemos moldar a realidade como realmente deveria ser. – pronunciou-se Gen. Fez dos nossos projetos, novas vidas e formas de ver até o mais corrupto dos desejos - que é a vingança - apenas como mais uma face do amor. Seu coração foi sua maior arma até agora e será a maior de todas ainda pela frente. – falou Seikatsu. Filho de minha filha, encarnação minha, suas batalhas mostraram quão grande rei você se tornará, Pangeia não erra em seus julgamentos, fostes escolhido seu mestre desde nossa criação. Agora poderá trazer ao mundo a verdadeira glória desse reino após muitos séculos de batalhas e corrupções dos homens. – por fim falou Batsu.

Como agradecimento por todo o seu esforço daremos a ti, parte de nossos poderes. Pois Pangeia deve voltar por suas mãos, já que foi o escolhido por ela como seu mestre. Um a um os deuses foram sumindo e ofertando seus poderes a Mallumo, quando Batsu ofertou seus poderes ao príncipe dos mortos proferiu suas ultimas palavras: Agora a real trama será contada.

Depois do ultimo ter ido embora, o príncipe toma para si o seu destino. E virando-se para Flama com um tom de surpresa e por não conter sua felicidade, diz: Quem diria, que de uma pedra negra, a qual carrega em seu interior o universo, surge à luz para desenrolar do novo enredo!

Mallumo ver todos seus ferimentos curados e suas forças revigoradas como nunca. Com isso, concentra os poderes ganhos dos deuses em uma esfera de pura energia concentrada, quando ela estava totalmente formada, lança-a para cima: Ascenda novamente, Pangeia. A esfera se dissipou no ar irradiando todas as ruínas de Pangeia. E aos poucos o grande reino é restaurado pelas mãos do príncipe dos mortos e encarnado de Batsu. As terras secas tornam-se solos férteis, as arvores secas voltam a sua majestosidade, as almas que vagavam sem rumo assumem novamente forma humana, as ruínas das moradias retomam a forma de grandes palácios. O que antes era um imenso abismo e cenário da luta de Mallumo e Tokoloshe volta a ser o grande lago que banha Pangeia. Já é dia, e após muitos séculos, o sol volta a nascer em Pangeia. Aos poucos as pessoas concentram-se ao redor de Mallumo, Todos saúdam o grande rei de Pangeia!

Mallumo é levado até o grande palácio central, onde um dia Hamura tornou-se rei. Todos se ajoelham para a coroação do príncipe dos mortos. Flama é quem faz a coroação. Depois de transformar definitivamente Mallumo em rei, Flama ajoelha-se a sua frente e revela sua real o forma ao rei de Pangeia. Agora ajoelhada a sua frente está Sibila. Mallumo vai aos prantos ao ver sua amada viva. Como isso é possível? – questiona Mallumo.

Antes de vossa mãe morrer, ela arrependeu-se inteiramente do que fez a nosso amor. Então quando os escapulas invadiram Úmbrio, tive uma visão de Iansã. Ela contou tudo a mim e pediu perdão pela tamanha dor que me causou. Disse que poderia retirar o castigo que me proporcionara, mas, para isso eu teria que morrer. Quando a questionei como isso poderia me fazer voltar aos seus braços. Me contou de toda a profecia envolvendo você, então me transformaria na imperatriz da luz, e assim, quando você viesse ao meu encontro iria me transformar em sua escrava, e assim, através de suas mãos o castigo seria desfeito.

Mallumo chora de imensa alegria por ter sua amada de volta, mas, ao mesmo tempo chora de tristeza por ter matado sua mãe sem ter conhecido o lado misericordioso dela. Como sinal de arrependimento, ele liberta os guardiões primordiais de Galácia de suas formas humanas. Agora o rei de Pangeia torna Sibila definitivamente como sua consorte. Agora são rei e rainha de Pangeia. Depois de nove meses, Mallumo e Sibila tem um filho. O primogênito depois de Pangeia ter retornado a sua glória. Os reis batizam a criança de África. No dia de sua apresentação real ao povo. O sacerdote real profere a todos os presentes o seguinte: - Eis que da união humana e da redenção divina, nasce uma criança. Vinda da realeza desse onipotente reino nasce África, príncipe e futuro senhor das nações. Seu reinado será marcado por inúmeras batalhas e histórias de conquistas. Seus descendentes serão gloriosos e sua origem será contada por muitos anos. Todos felizes pelo nascimento de África, saúdam a criança e proferem hinos de alegria.

Passaram-se trinta anos depois do nascimento de África, Mallumo encontra-se enfermo em sua cama. Prestes a morrer. O pai, chama seu filho para empossa-lo como rei. Mallumo diz como ultima vontade seus desejos a seu filho: - Sangue meu, e tesouro mais precioso que já pude cultivar. Como ultimo desejo de seu pai, peço que traga nossos ancestrais de volta. Todos os moradores de Galácia foram transformados em escravos pelos escapulas. Levados para terras longínquas. Mesmo em tais condições, são responsáveis por povoar grande parte dos moradores da Terra. Os brancos os fizeram de mercadorias e assim foram levados por muitos anos, cabe a ti agora, trazer a liberdade não só dos meus, mas também, dos seus antepassados. Agora transfiro para você meu título de rei de Pangeia. Sua jornada apenas está começando.

Após entregar sua coroa a África, Mallumo dar seu último suspiro e parte desse mundo. África como primeiro decreto após o funeral de seu pai e reunir o maior número de soldados para começar as buscas pelos seus ancestrais. O atual rei de Pangeia irá para a guerra e assim libertar os negros das mãos de seus algozes.

Passados vinte anos de árduas batalhas, África consegue libertar o último descendente de Úmbrio. Conseguiu cumprir os desejos de seu pai. Agora está retornando a Pangeia para proferir o destino de todos seus seguidores e daqueles que libertou. Ao chegar ao palácio central, África toma posse de seu trono e então dita o destino de seu povo: - Todos agora estão livres! Podem seguir suas vidas conforme suas vontades e desejos. Poderão formar família e residir em qualquer uma das terras. Os escapulas fora mortos, seus alvarás de solturas foram assinados. Agora são livres para serem novamente seres humanos!

Todos ficam felizes pelo que África pode proporcionar, trouxe de volta vossas dignidades e ainda conseguiu cumprir até o fim os desejos de seu pai...

Nossa vovô! Então essa é a história dos negros? – questiona um netinho após ouvir a história. Sim, meu querido. Mas, não apenas dos negros. Toda a humanidade foi originada do pai África. Somos filho do grande contingente. Filhos da terra marcada por guerras e inúmeros confrontos. Essa é a história de como saímos das mãos dos algozes e ganhamos nosso devido espaço. De mercadorias a seres humanos. - responde

o avô. Louvado seja o grande rei África, por descender de Mallumo, encarnado de Batsu, e trazer-nos de volta a condição de livres e acima de tudo, seus filhos. **FIM**



*Atasuma
Lean Vicci*



*Maurício
Rosendo
Leandro
dos
Santos*

Maurício Rosendo Leandro dos Santos